

A FORTIFICAÇÃO ENEOLÍTICA DA COLUMBEIRA — BOMBARRAL *

Por

HERMANFRID SCHUBART, O. DA VEIGA FERREIRA
e J. DE A. MONTEIRO

I — SITUAÇÃO

A povoação da Columbeira está situada na extremidade sul de um vale amplo, aberto na direcção de Óbidos e das Caldas da Rainha. Ela pertence à freguesia da Roliça, concelho do Bombarral, distrito de Leiria e encontra-se ainda na região costeira da Estremadura. O vale (pliocénico) ⁽¹⁾, que está coberto de pinhais e vinhedos, é cortado por vários cursos de água e por vezes limitado por paredes de calcáreo, talhadas a pique (jurássico), que são interrompidas por pequenos vales laterais. Sobre um dos cumes, isolado e limitado por dois vales laterais, por cima da povoação da Columbeira, encontra-se uma construção fortificada pré-histórica, o «Castro da Columbeira» (Fig. 1 e 2, Est. I), chamado popularmente «Serra do Castelo». O acesso à construção da Columbeira faz-se por um atalho íngreme e estreito. O caminho mais longo, embora mais cómodo, para esta localidade, parte da povoação da Azambujeira dos Carros, que se encontra junto da estrada Bombarral - Columbeira - Roliça, passando junto a dois contíguos moinhos de vento.

O rio Real, que corre do Bombarral para este vale, recolhe os mencionados cursos de água, rompe o elevado espinhaço de Sobral

(*) Devemos a tradução portuguesa ao Dr. Anibal do Paço/Mogúncia.

(¹) As indicações geológicas encontram-se na Carta Geológica de Portugal 1:50.000 (Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos) folha 26 D e folha 30 B.

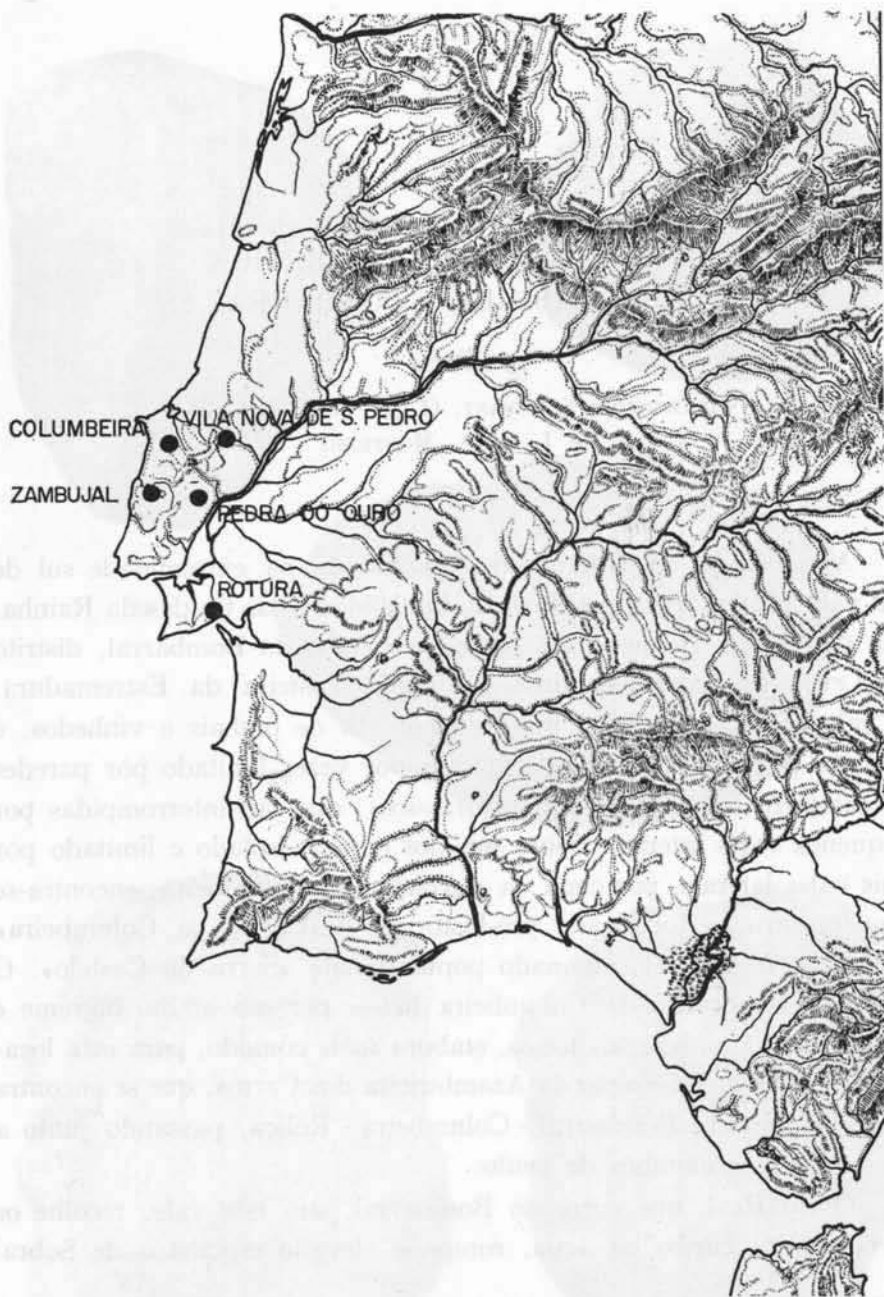


Fig. 1

Sudoeste da Península Ibérica, com indicação da situação da Columbeira, Vila Nova de São Pedro, Zambujal, Pedra do Ouro e Rotura

da Lagoa e desagua finalmente na Lagoa de Óbidos, a qual constitui uma espécie de baía, parcialmente fechada com dunas ⁽²⁾. Antes do assoreamento, a sul das faldas da Lagoa de Óbidos, deviam pequenos barcos, vindos do mar, ter penetrado grandes distâncias terra adentro. O Castro da Columbeira encontra-se hoje a cerca de 15 km distante da costa; dois terços deste trajecto, porém, na Idade do Bronze, devem ter sido navegáveis.

A fortificação da Columbeira encontra-se na extremidade norte de uma língua de terra que se salienta no terreno acidentado a norte da Azambujeira dos Carros, em virtude dos dois mencionados cursos de água. A língua de terreno desce lentamente para norte e sobe após um cume estreito, de novo ligeiramente e termina por um cabo num despenhadeiro (Figs. 3 e 4, Est. II). Sobre esta elevação-esporão, ainda se encontram, como restos da fortificação antiga, duas cinturas de muralha consideráveis ⁽³⁾.

II — HISTÓRIA DA DESCOBERTA E DESCRIÇÃO DO CASTRO

Como descobridor do «Castro» é apresentado J. Leite de Vasconcelos; esta construção, porém, caiu de novo no esquecimento após a sua visita.

(²) H. Lautensach, *Iberische Halbinsel* (Geographische Handbücher), München 1964, 492: «Imediatamente a sudoeste da Nazaré, caracteriza-se a costa por duas baías pequenas, que se estendem até ao vizinho vale tifónico das Caldas da Rainha, S. Martinho do Porto e Lagoa de Óbidos. Elas representam uma dilatação marítima, originada pelo rompimento de pequenos rios, que correm do vale tifónico, através de um flanco estreito, para o mar. Depois segue-se o característico cume do Cabo Carvoeiro, rodeado por recifes, onde termina a Península de Peniche. Esta forma um maciço de 30 m de altura, plano no cimo, de calcáreo liássico, que se solidificou através de uma dupla nerite».

(³) A importante posição estratégica da elevação da Columbeira desempenhou também na história moderna, ainda mais uma vez, um papel: na batalha da Roliça (17-8-1808), as tropas francesas defenderam esta elevação, durante muito tempo, contra os atacantes ingleses, sob o comando de Wellington, vindos do Norte e três vezes mais numerosos, antes da retirada ordenada para Azambujeira dos Carros e Torres Vedras. A cruz existente na elevação chamada Picoto, a oeste do Castro da Columbeira, assim como a pedra comemorativa, mais a sul do Castro, do tenente-coronel inglês Lake, caído nesta batalha, testemunham estes combates. Cfr., entre outros, A. J. Ramos, *Bombarral e seu Concelho*, Bombarral, 1939, 117 ss.

Mais tarde um dos signatários (J. de Almeida Monteiro), juntamente com seus amigos, A. Viana e O. da Veiga Ferreira, descobriu novamente este Castro em 1963. Nesse mesmo ano foi feita, na extremidade do canto noroeste do recinto interior da fortificação, uma pequena sondagem superficial de cerca 3×1 m, da qual resultaram os poucos objectos que se encontram na colecção arqueológica do Bombarral. — A fortificação da Columbeira permaneceu até hoje desconhecida na literatura ⁽⁴⁾, pondo-se de parte algumas referências sem valor.

Em 1964, antes da decisão de se escavar no Zambujal, um dos signatários (O. da Veiga Ferreira), dos Serviços Geológicos de Portugal, ofereceu, ao Instituto Arqueológico Alemão, o Castro da Columbeira para escavações e visitou-o juntamente com V. Leisner e H. Schubart, dos quais o último regressou lá, posteriormente, várias vezes. Embora, actualmente, para uma escavação faltem tempo e dinheiro, ainda que ela pareça necessária e desejável, não se deverá omitir a publicação das plantas (Figs. 3 e 4) e dos poucos objectos conhecidos (Figs. 5, 6, 7 e 8), pois todos eles completam, de um modo adequado, a imagem das fortificações eneolíticas na Estremadura, sobre as quais no *Arqueólogo Português* já apareceram vários trabalhos ⁽⁵⁾.

Uma pequena estadia em Portugal, fins de Março e princípios de Abril de 1969, proporcionou ocasião para o desenho da planta e dos achados, sendo os outros efectivamente colaborados por J. Raboso e M. Requena. O primeiro desenhou a planta, o segundo os objectos. A limpeza dos terrenos, com as duas cinturas de muralha, dos carrascais grandes e espessos, foi feita a expensas da Câmara Municipal do

⁽⁴⁾ J. L. Saavedra Machado, *O Arqueólogo Português*, N. S. vol. V, 1964, 90, 283.

⁽⁵⁾ E. Sangmeister e H. Schubart, Grabungen in der kupferzeitlichen Befestigung von Zambujal — Portugal, 1964, MM. 6,1965,39 ss.; 1966: MM. 8,1967,47 ss.; 1968: MM. 10,1969.; V. Leisner e H. Schubart, Die kupferzeitliche Befestigung von Pedra do Outro/Portugal, MM. 7,1969 ss.; K. Spindler, Die kupferzeitliche Siedlung von Penedo — Portugal, MM. 10,1969.

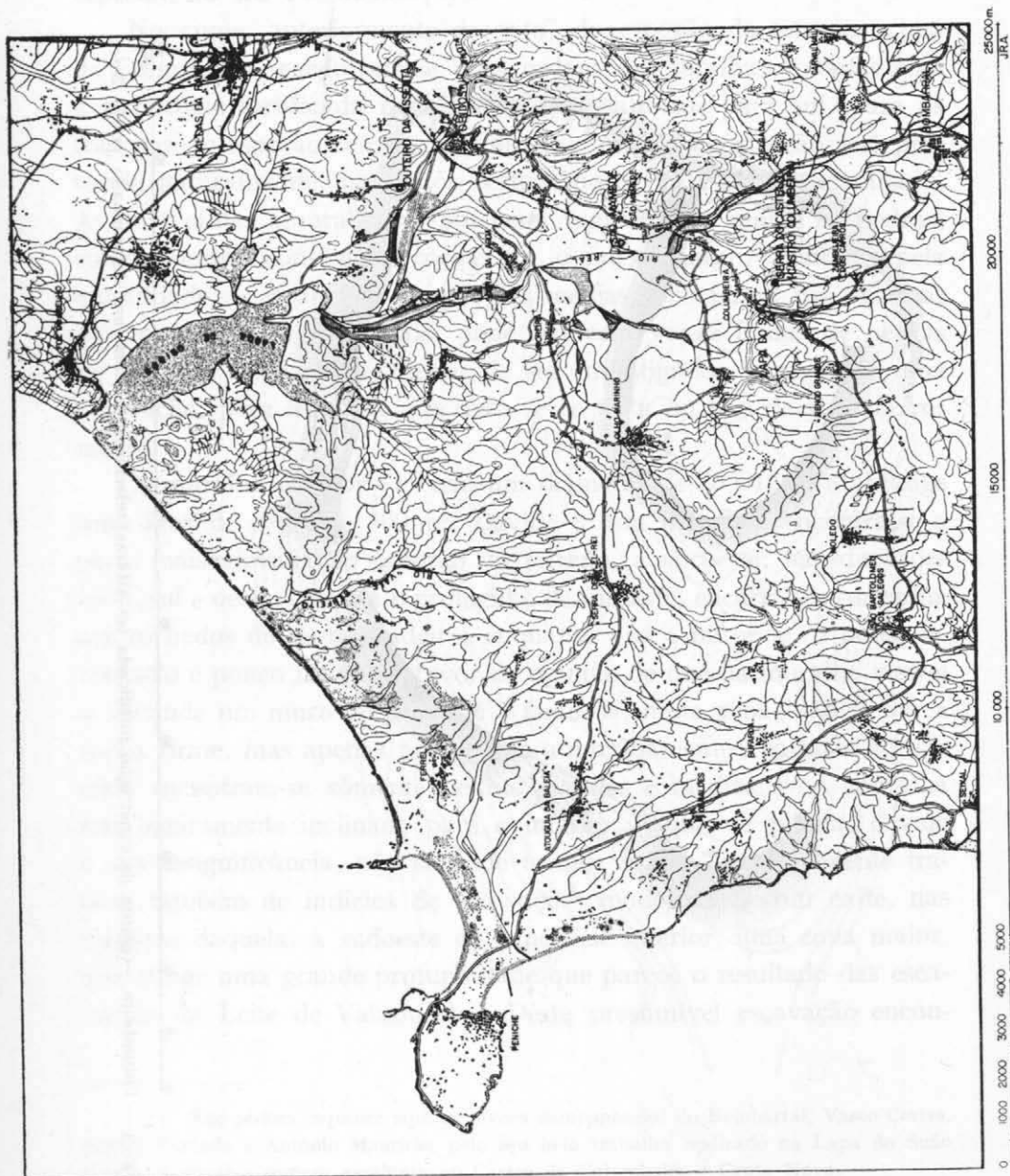


Fig. 2. — Situação da fortificação da Columbeira em relação à costa atlântica e à Lagoa de Óbidos



Fig. 3 — Columbeira — planta da construção fortificada (as alturas relacionam-se com um determinado ponto 2010).

Bombarral, o que neste lugar nos leva a agradecer, de um modo especial, ao seu Presidente (*).

No cume, anteriormente descrito, do esporão do terreno acima da Columbeira, encontram-se duas ordens de muralha, voltadas com a sua frente fortificada para leste e especialmente para sul, para as traseiras do esporão com o mencionado cume. A construção está protegida naturalmente, nos lados oeste e norte, pela rocha alcantilada. As duas cintas amuralhadas possuem, sem dúvida, muros de pedras, como as outras construções coevas⁽⁶⁾, o que se comprova também pela quantidade de pedras de proporções médias, que jazem nas encostas das muralhas. Alguns locais, onde parecem ver-se fiadas de pedras ou o início de camadas, terão de ser investigados, através de uma escavação, para adquirir a certeza se se trata ou não de verdadeiros muros.

A muralha interior (I) tem um diâmetro de 28 × 17 m e abrange uma área de cerca de 400 m². Devido a esta muralha, encontra-se a parte mais elevada do esporão do terreno, a noroeste, nas direcções leste, sul e oeste, cercada e protegida. A nordeste, encosta-se a muralha aos rochedos do despenhadeiro, enquanto que a noroeste, o ponto de contacto é pouco nítido. A favor da opinião de que na muralha visível se esconde um muro de pedras é o facto de, nesta zona, não se ver a rocha firme, mas apenas no sopé do amuralhamento; na zona fortificada encontram-se somente pedras grandes e médias. — A muralha está ligeiramente inclinada para o interior, o que na planta, devido à sua insignificância, não se pode tornar visível. Provavelmente trata-se também de indícios de escavações modernas; assim existe, nas traseiras daquela, a sudoeste da superfície interior, uma cova maior, que atinge uma grande profundidade que parece o resultado das escavações de Leite de Vasconcelos. Desta presumível escavação encon-

(*) Não podem esquecer aqui os jovens companheiros do Bombarral, Vasco Cortes, Antero Furtado e António Maurício, pelo seu belo trabalho realizado na Lapa do Suão e pela companhia sempre excelente no Castro da Columbeira e Gruta Nova.

(6) Cfr. acima, nota 5 e sobre Vila Nova de S. Pedro — A. do Paço e E. Sangmeister, *Germania* 34, 1956, 211 ss.; aí também a literatura mais antiga; A. do Paço, Castro de Vila Nova de S. Pedro, XIV-XVI, «*Anais*» II Série, 14, Lisboa 1964.

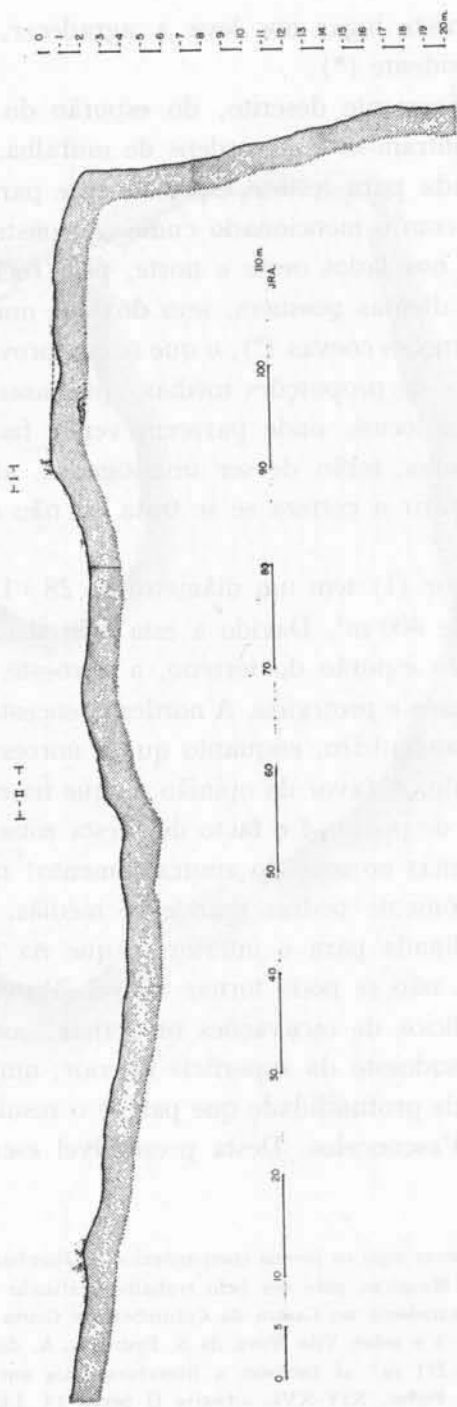


Fig. 4
Columbeira — Linha do perfil de terreno com o despenhadeiro e indicação das muralhas I e II

tra-se também terra sobre o cume da muralha, na zona do canto sudoeste. Aqui ter-se-ão de admitir, portanto, modificações modernas.

A muralha externa (II) abrange, com um arco maior, situado mais na encosta, a construção fortificada interior e uma faixa de terreno de 22 até 25 m de largura. Com um comprimento de cerca de 85 m, resulta deste amuralhamento externo uma superfície, ao redor da fortificação central, quase quatro vezes maior que a área da construção interna. O reduto externo encosta-se também, no lado norte, aos rochedos do despenhadeiro; o seu delineamento é nalguns sítios difícil de reconhecer, pois ele foi escavado na parte exterior — manifestamente em conexão com os trabalhos de extracção de pedra, praticado nas pedreiras, para os fornos de cal existentes ali perto — e termina na extremidade oeste em frente da encosta íngreme, sem que, apesar da grande quantidade de pedras grandes e médias, se possa identificar à superfície o seu exacto remate. Pouco antes deste remate oeste pode-se identificar claramente a muralha, cuja frente voltada para o cume se encontrava fortemente em perigo. Para a construção da muralha parece ter sido utilizado um afloramento inclinado da rocha firme. A existência de uma muralha transversal, correspondente ao troço da muralha interior I, na encosta voltada para oeste, não se pode identificar à superfície do terreno. Uma ligeira ondulação no terreno terá de ser investigada numa escavação futura, para ver se se trata de um resto de muro ou de uma muralha.

No exterior, em frente do muro II, assim como sobre o cume e na encosta voltada para leste, existem três covas maiores, que deverão estar relacionadas com a extracção moderna de pedra. Caso fossem estas covas restos de antigas cisternas, como já foi presumido, a extracção moderna de pedra destruiu-as completamente. No sopé da rocha, um pouco a noroeste da construção fortificada, existe hoje uma fonte, que, provàvelmente, também foi usada pelos habitantes eneolíticos.

O perfil do esporão do terreno, que no desenho foi aumentado na relação 2: 1, para tornar visível a diferença de alturas (Fig. 4), mostra o declive do terreno da colina, o cume só sobressai levemente e a subida do terreno para norte até ao íngreme despenhadeiro. No troço

de terreno que sobe de novo lentamente, vêem-se claramente as muralhas I e II, com plataformas em forma de terraço ou terrapleno. Na rectaguarda da muralha exterior, desce a linha superficial de novo ligeiramente; ao contrário, ela permanece nas traseiras da muralha interior quase horizontal, não se tendo em conta os aprofundamentos modernos (⁷). A concepção das muralhas em forma de terraço mostra que as construções fortificadas se apoiavam, desde o princípio, no terreno com declive para sul.

Se partirmos da probabilidade, que no centro dos amuralhamentos existem muros de pedra, podemos também concluir, que o respectivo sopé exterior se encontra a maior profundidade que o interior, enquanto que o lado interior se apoiava mais fortemente contra a rocha firme.

O estado de conservação da fortificação da Columbeira não permite qualquer conclusão sobre a localização das portas e mesmo até sobre o seu tipo.

Objectos à superfície são raros, quer no interior quer no exterior da fortificação, o que, devido às grandes brenhas, não admira e corresponde aos achados na zona de outras fortificações eneolíticas da Estremadura. Os poucos achados conhecidos provêm das mencionadas sondagens de 1963, na extremidade do canto noroeste do recinto interior (⁸) e conservam-se na colecção arqueológica do Museu do Bombaral.

III — ESTUDO DO MATERIAL ENCONTRADO

Cerâmica (Fig. 5)

1) Fragmento do bordo de um vaso com parede ligeiramente reentrante, bordo no exterior espesso, barro grosseiro e em parte deformado pelo tempo; cinzento, vermelho-castanho manchado.

2) Fragmento de bordo, com borda muito espessa (em forma de maça); barro grosseiro e em parte deformado pelo tempo; cinzento até castanho-claro.

(⁷) No perfil (Fig. 4), o presumível da superfície do terreno, antes destas modernas modificações, desenhou-se em tinta a cheio.

(⁸) Cfr. pág. acima. Existem no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia alguns machados de pedra polida com indicação de terem vindo da Columbeira. Não se sabe, todavia, se vêm do Castro.

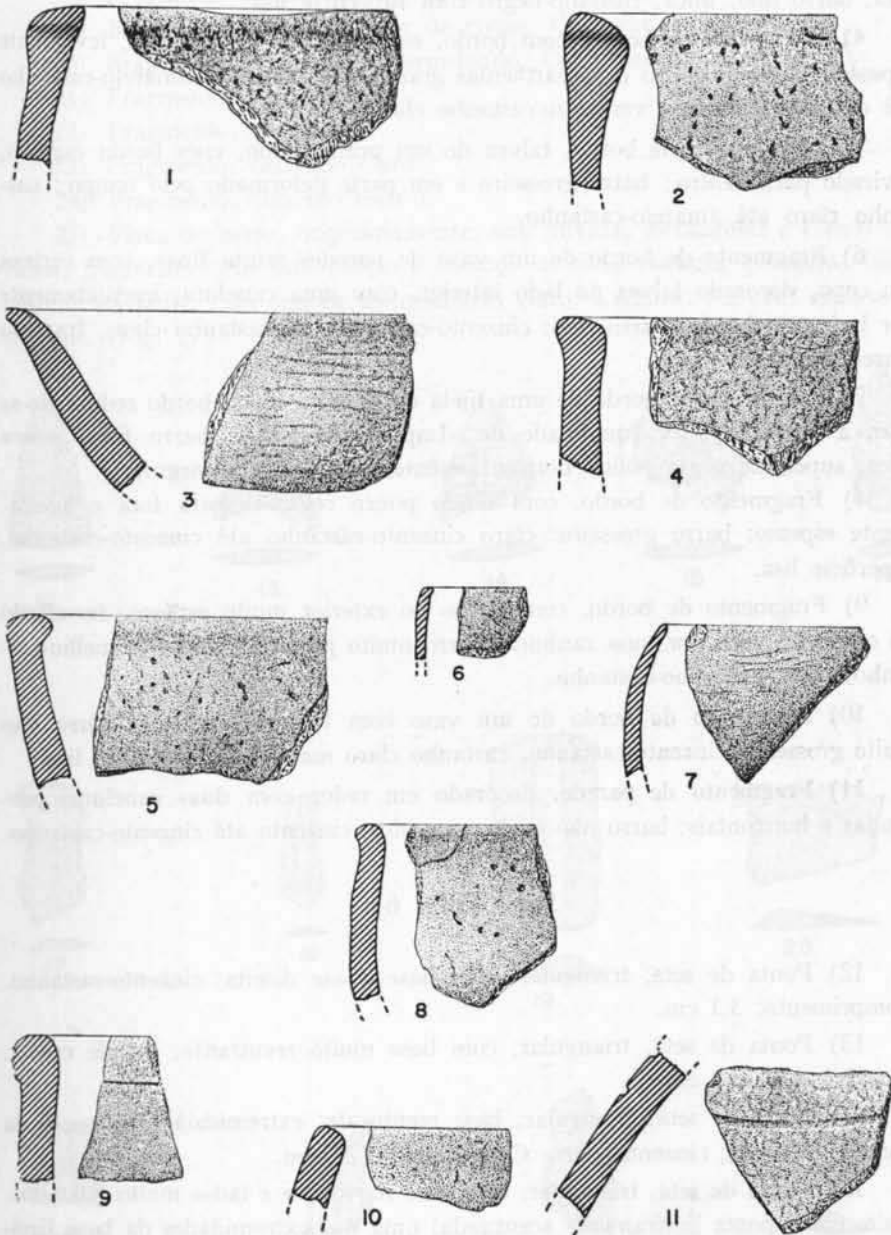


Fig. 5 — Columbeira — louça de barro ($\frac{3}{4}$)

3) Fragmento do bordo de um prato, com bordo ligeiramente revirado para fora; barro fino, mica; cinzento-negro com superfície lisa.

4) Fragmento de bordo, com bordo, especialmente no exterior, levemente espesso; barro grosseiro com partículas grandes de calcáreo; amarelo-castanho até castanho, fractura vermelho-castanho claro.

5) Fragmento de bordo, talvez de um prato fundo, com bordo espesso, revirado para dentro; barro grosseiro e em parte deformado pelo tempo; castanho claro até amarelo-castanho.

6) Fragmento de bordo de um vaso de paredes muito finas, com certeza um copo, decorado talvez no lado interior, com uma canelura, imediatamente por baixo do bordo; barro fino; cinzento-castanho até castanho claro, fractura cinzento-negro.

7) Fragmento de bordo de uma tijela de paredes finas, bordo reduzindo-se para a parte superior (qualidade de «Import-Keramik»); barro fino, pouca mica, superfície negra polida horizontalmente, corte cinzento-negro.

8) Fragmento de bordo, com bordo pouco revirado para fora e ligeiramente espesso; barro grosseiro; claro cinzento-castanho até cinzento-castanho, superfície lisa.

9) Fragmento de bordo, com bordo no exterior muito espesso, ressaltado do corpo do vaso por uma ranhura; barro muito grosseiro; claro vermelho-castanho, corte vermelho-castanho.

10) Fragmento de bordo de um vaso com bordo reentrante; barro não muito grosseiro; cinzento-castanho, castanho claro manchado, superfície lisa.

11) Fragmento de parede, decorado em redor com duas caneluras profundas e horizontais; barro não muito grosseiro; cinzento até cinzento-castanho.

Silex (Fig. 6)

12) Ponta de seta, triangular, com base quase direita; cinzento-castanho. Comprimento: 3,1 cm.

13) Ponta de seta, triangular, com base muito reentrante; cor de creme. Comprimento: 2,5 cm.

14) Ponta de seta, triangular, base reentrante; extremidade da base e da ponta, quebrada; cinzento claro. Comprimento: 2,3 cm.

15) Ponta de seta, triangular, com base reentrante e lados muito dilatados, assim como ponta ligeiramente acentuada; uma das extremidades da base ligeiramente dilatada, quebrada; branco, queimado. Comprimento: 3,2 cm.

16) Ponta de seta, triangular, com base reentrante, extremidade da base e da ponta, quebrada; cinzento claro-castanho. Comprimento: 2,8 cm.

- 17) Fragmento de lâmina, cinzento-escuro. Comprimento: 2,8 cm.
- 18) Fragmento de lâmina, cor de creme. Comprimento: 2,3 cm.
- 19) Fragmento de lâmina, cor de creme. Comprimento: 3,8 cm.
- 20) Fragmento de lâmina, avermelhado. Comprimento: 2,0 cm.
- 21) Fragmento, cinzento claro.
- 22) Fragmento, castanho.
- 23) Fragmento, castanho claro.
- 24) Fragmento, cinzento escuro.

25) Placa de barro, originariamente, sem dúvida, rectangular e com 4 orifícios; fragmento com um orifício e começo de uma ranhura grosseira; barro cinzento-castanho com engobe avermelhado claro. Largura: 8,2 cm; espessura: 2,1 cm. (Fig. 27)

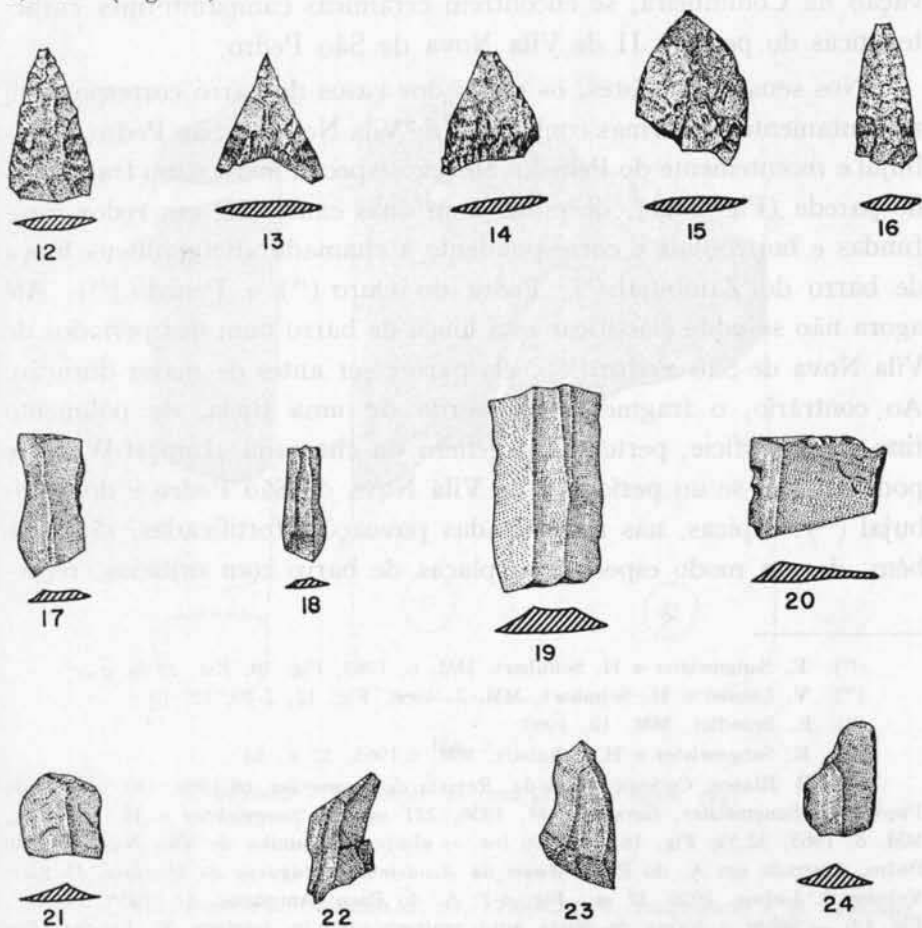


Fig. 6

Columbeira — Silex (3/4)

IV — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do pequeno número de achados, as cerâmicas e as pontas de seta permitem a atribuição de todo o complexo ao eneolítico, mais concretamente, à cultura eneolítica, característica da Estremadura portuguesa, de um modo especial conhecida através das povoações fortificadas de Vila Nova de São Pedro e do Zambujal. Devido ao reduzido número de achados, provenientes de um espaço muito limitado da superfície interior, não é possível atribuir o material ao período I ou II de Vila Nova de São Pedro. É muito provável, que, numa escavação na Columbeira, se encontrem cerâmicas campaniformes características do período II de Vila Nova de São Pedro.

Nos seus pormenores, os perfis dos vasos de barro correspondem absolutamente às formas conhecidas de Vila Nova de São Pedro, Zambujal e recentemente do Penedo. Menção especial merece um fragmento de parede (Fig. 5.11), decorado com duas caneluras, em redor, profundas e horizontais e correspondente à chamada «tiefgerillten» louça de barro do Zambujal⁽⁹⁾, Pedra do Ouro⁽¹⁰⁾ e Penedo⁽¹¹⁾. Até agora não se pode classificar esta louça de barro num dos períodos de Vila Nova de São Pedro⁽¹²⁾; ela parece ser antes de maior duração. Ao contrário, o fragmento de bordo de uma tijela, de polimento fino na superfície, pertence ao género da chamada «Import-Ware» e pode atribuir-se ao período I de Vila Nova de São Pedro e do Zambujal⁽¹³⁾. Típicas, nas mencionadas povoações fortificadas, são também, de um modo especial, as placas de barro com orifícios, repre-

(9) E. Sangmeister e H. Schubart, MM, 6, 1965, Fig. 19; Est. 25 b, g.

(10) V. Leisner e H. Schubart, MM, 7, 1966, Fig. 12, 2-10. 12. 13.

(11) E. Spindler, MM, 10, 1969.

(12) E. Sangmeister e H. Schubart, MM, 6, 1965, 52 s., 61.

(13) B. Blance, Cerâmica estriada, *Revista de Guimarães*, 69, 1969, 459, ss.; A. do Paço e E. Sangmeister, *Germânia* 34, 1956, 221 ss.; E. Sangmeister e H. Schubart, MM, 6, 1965, 52.59, Fig. 16, Est. 26 b-e. — «Import-Keramik» de Vila Nova de São Pedro, ilustrada em A. do Paço, *Anais da Academia Portuguesa de História*, II Série Volume 8, Lisboa, 1058, 57 ss., Fig. 5-7; A. do Paço, *Ampúrias*, 21, 1959, 256 ss., Fig 4-6. — Sobre a forma de tijela aqui representada cfr. também V. Leisner, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, Der Westen, Madrider Forschungen* 1, Lieferung 3, Berlin 1965, Est. 3, 19; 15, 15; 43 ss. e mais vezes.

sentadas na Columbeira, do mesmo modo, por um fragmento (Fig. 7) ⁽¹⁴⁾. As pontas de seta, triangulares, de sílex, com base reentrante, pertencem também aos cortes estratigráficos do Zambujal, às camadas mais antigas ^(14a); elas encontram-se, porém, ainda em grande número, nas remoções superficiais das campanhas de 1966 e 1968, o que não precisa de contradizer o resultado de 1964.

Embora os poucos achados da Columbeira não permitam, de modo algum, uma classificação exactamente cronológica, bastam, no entanto, para afirmar que a fortificação da Columbeira, no seu com-

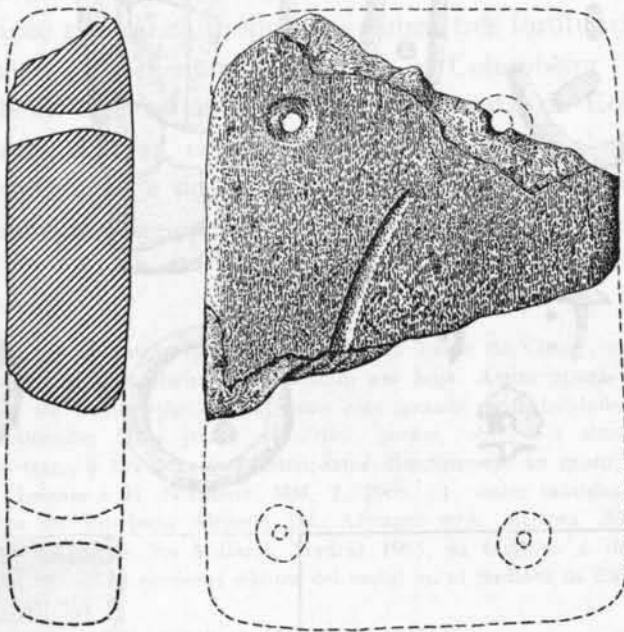


Fig. 7

Columbeira — fragmento de uma placa de barro (3/4)

⁽¹⁴⁾ A. do Paço e E. Sangmeister, 34, 1956, 224; E. Sangmeister e H. Schubart, MM. 6, 1965, 50, Fig. 13; V. Leisner e H. Schubart, MM. 7, 1966, 41 ss., Fig. 16 f.; K. Spindler, MM. 10, 1969, 102 ss.; Fig. 25 ss.

^(14a) E. Sangmeister e H. Schubart, MM. 6, 1965, 53, 59; 51, Fig. 5 a; Fig. 12.

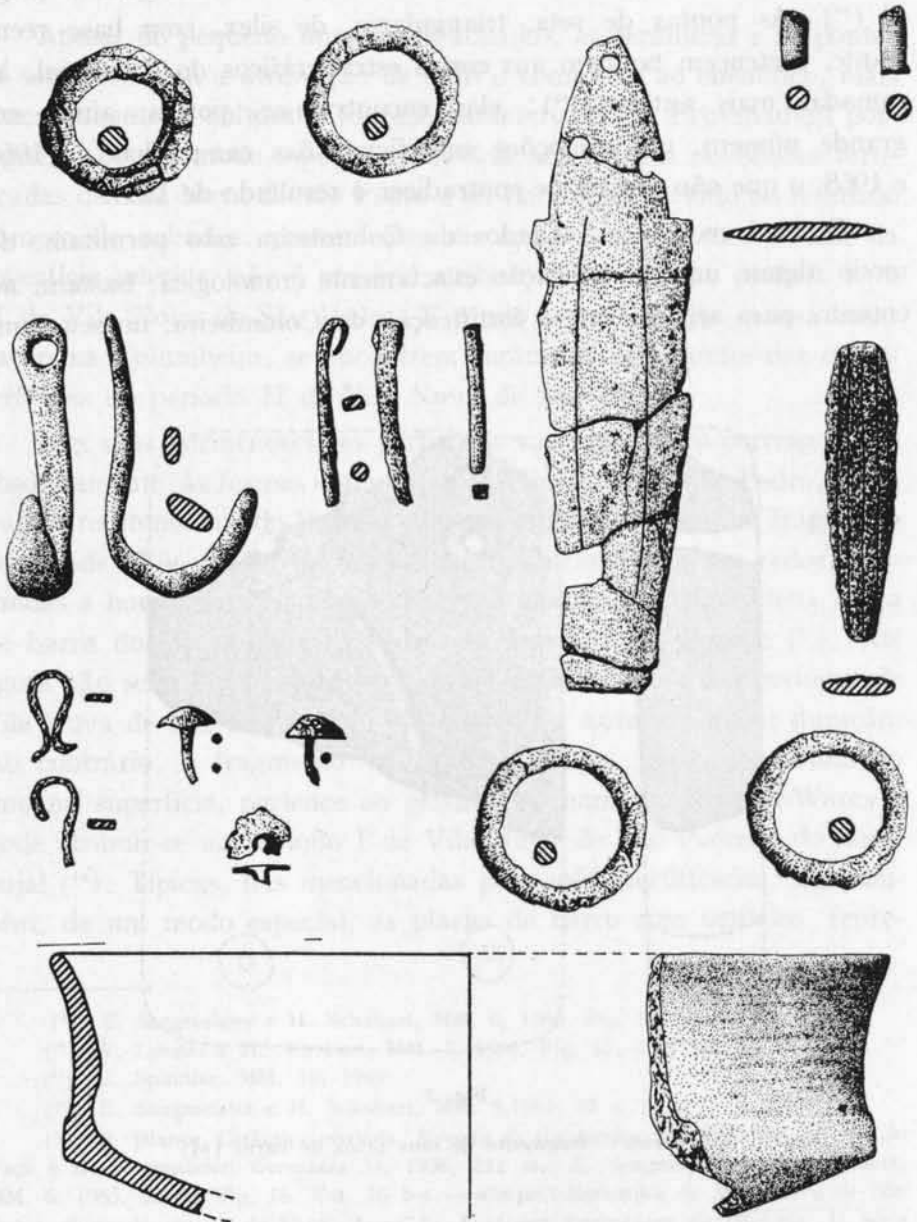


Fig. 8

Columbeira — Cerâmica e objectos das escavações de J. L. de Vasconcellos ($\frac{2}{3}$)

plexo, é contemporânea de Vila Nova de São Pedro e do Zambujal ⁽¹⁵⁾.

Uma comparação da construção da Columbeira com Vila Nova de São Pedro, Zambujal e Pedra do Ouro manifesta imediatamente os atributos comuns às outras quatro fortificações ⁽¹⁶⁾. Elas encontram-se sempre a uma altura média, não sobre picos destacados como os castros da Idade do Ferro. As línhas planas de terreno, escolhidas em todos os casos, estão fortificadas na extremidade do esporão; a estas fortificações é atribuída, muitas vezes, ainda uma função vedatória. As construções dominam em todos os casos num vale de terreno fecundo, situado directamente por baixo da encosta íngreme, que é atravessado por correntes de água.

A situação geográfica própria das outras três fortificações, relativa às vias fluviais ⁽¹⁷⁾, encontra-se também na Columbeira ⁽¹⁸⁾. Embora da Columbeira não se aviste o mar, na Idade do Cobre, porém, podia-se entrar do mar, com o barco, terra adentro, a uma distância relativamente grande e depois seguir um caminho relativamente curto até à Columbeira. Assim encontra-se a Columbeira, como as outras

⁽¹⁵⁾ Achados de outras épocas sem serem da Idade do Cobre, na zona da construção fortificada da Columbeira, não existem até hoje. Assim apenas os achados do recinto interno da fortificação central, são com grande probabilidade, elementos da construção fortificada. Uma prova definitiva, porém, obter-se-á somente após uma escavação que traga à luz achados pertencentes directamente ao muro.

⁽¹⁶⁾ V. Leisner e H. Schubart, MM. 7, 1966, 21, assim também Los Millares e Campos, ambos na Província Almería (M. Almagro e A. Arribas, *El poblado y la necrópolis, megalíticos de los Millares*, Madrid 1963, aí também a literatura é mais antiga; H. e L. Siret, *Las primeras edades del metal en el Sudeste de España*, Barcelona 1890, *Album* Est. 9.)

⁽¹⁷⁾ V. Leisner e H. Schubart, MM. 7, 1966, 21 s.

⁽¹⁸⁾ Do castro da Idade do Cobre da Rotura, junto de Setúbal, avista-se também, por cima do vale que lhe jaz ao pé, até Setúbal e até à superfície larga da foz do Sado, enquanto que a vista directa para o mar é obstruída, por uma grande elevação, pelas faldas da Serra da Arrábida. Sobre a Rotura: I. Marques da Costa, *O Arqueólogo Português*, 8, 1903, 47 ss., planta; pág. 137 ss., de um modo especial Est. I-IX; pág. 266 ss.; o mesmo, posteriormente, várias vezes nos volumes seguintes de *O Arqueólogo Português*, sobre os bronzes no *Arqueólogo Português* 13, 1908, 275 ss.; V. dos Santos Gonçalves, *O Castro Pré-Histórico da Rotura-Setúbal, IV Colóquio Portuense de Arqueologia 1965* (*Lucerna*, vol. V), Porto 1966, 476 cc., Est. I-VI. Novas escavações na Rotura (desde 1968) através de V. dos Santos Gonçalves e Carlos Tavares da Silva.

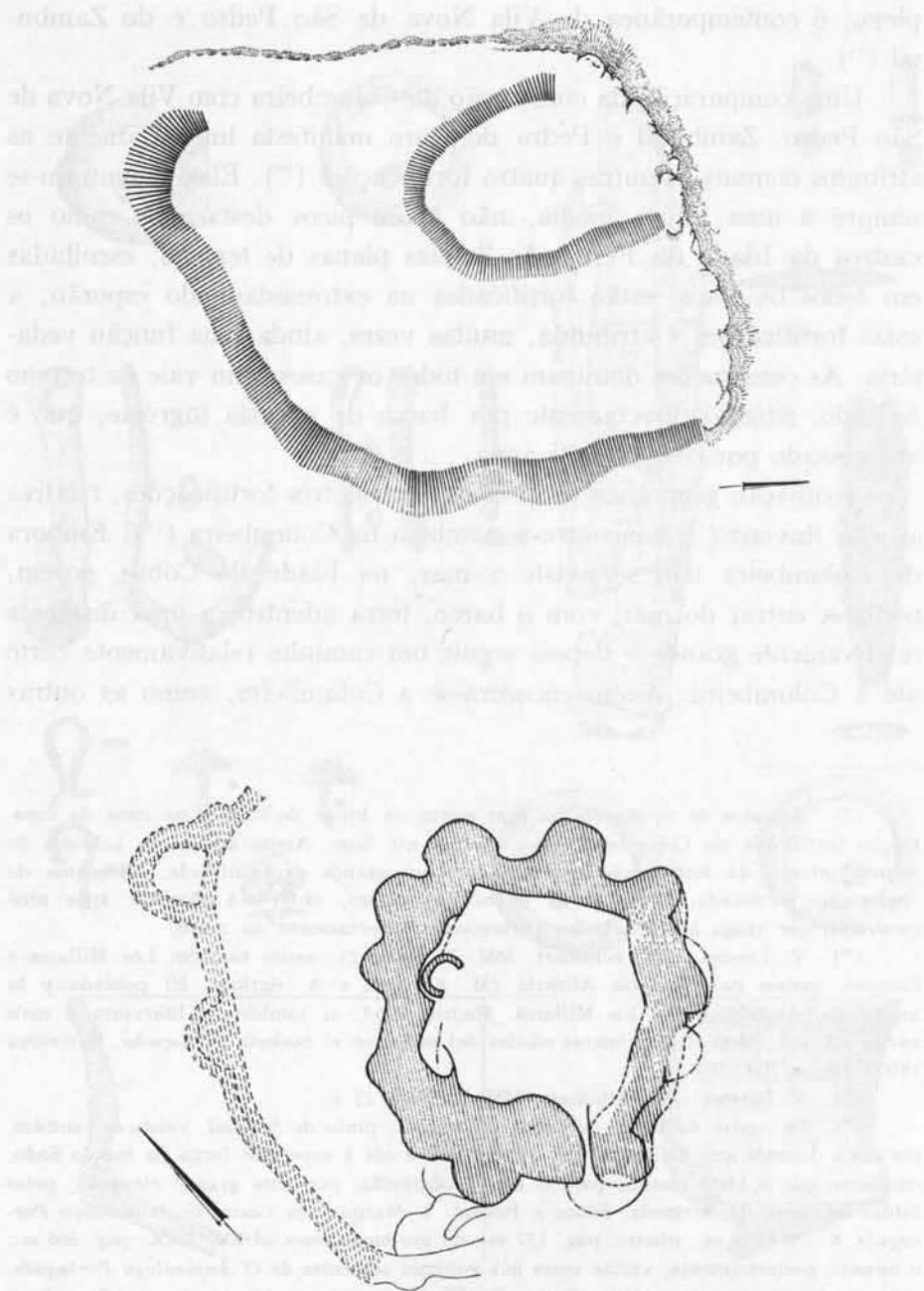


Fig. 9 — Fortificação da Columbeira; fortificação de Vila Nova de São Pedro, segundo A. do Paço e E. Sangmeister ou seja esboço da zona exterior baseada numa fotografia aérea.

O MONUMENTO ENEOLÍTICO DE SANTIAGO DO ESCOURAL (1)

Por

M. FARINHA DOS SANTOS

e

O. DA VEIGA FERREIRA

I — LOCALIZAÇÃO DO MONUMENTO

O monumento que vamos agora estudar fica situado a meio da encosta de um outeiro a cerca de 200 m para WSW da gruta da Herdade da Sala, freguesia de Santiago do Escoural, concelho de Montemor-o-Novo, e à vista da estrada que liga aquela localidade com Évora.

II — HISTÓRIA DA DESCOBERTA

Em 15 de Agosto de 1964, quando se efectuava a segunda campanha da gruta do Escoural (2), chegou ao nosso conhecimento que alguns trabalhadores tinham achado, cerca de duas semanas antes,

(1) M. Farinha dos Santos, «A necrópole de tipo «thólos» de Santiago do Escoural». *O Arqueólogo Português*, 3.ª Série, I vol., Lisboa, 1968.

(2) M. Farinha dos Santos, «Vestígios de pinturas rupestres descobertas na Gruta do Escoural», *O Arqueólogo Português*, N. S. T. V, Lisboa, 1964.

— A. Glory, M. Vaultier e M. Farinha dos Santos, «La grotte ornée de Escoural (Portugal)». *Bull. de la Soc. Préh. Française*, T. LXII, Paris, 1966.

— M. Farinha dos Santos, *Arqueologia do concelho de Montemor-o-Novo — realizações, problemas e perspectivas*, Montemor-o-Novo, 1967.

— Idem, Idem «Novas gravuras rupestres descobertas na Gruta do Escoural», *Revista de Guimarães*, vol. LXXVII, Guimarães, 1967.

— Idem, Idem «Gruta do Escoural», *Enciclopédia Verbo*, vol. VII, f. 78, Lisboa, 1698.

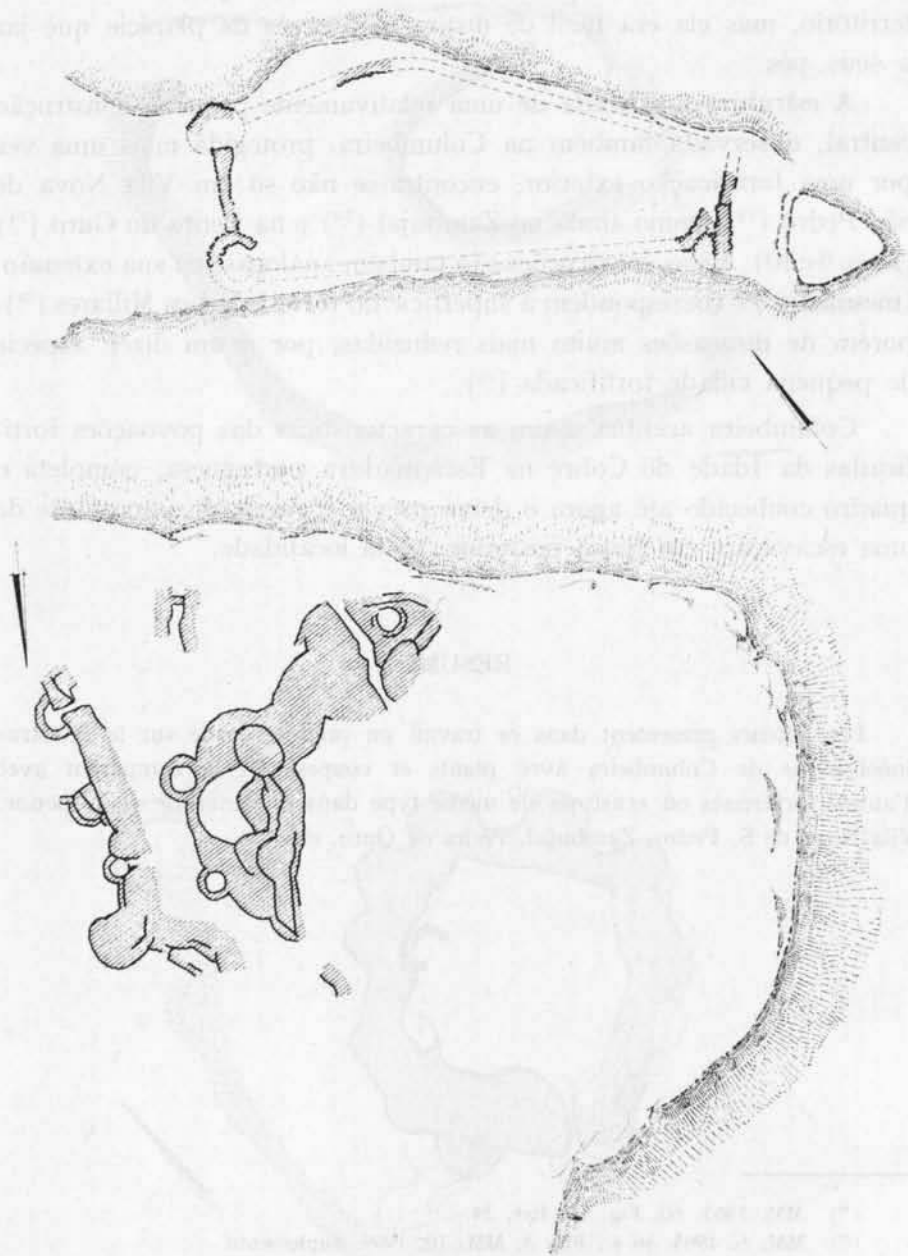
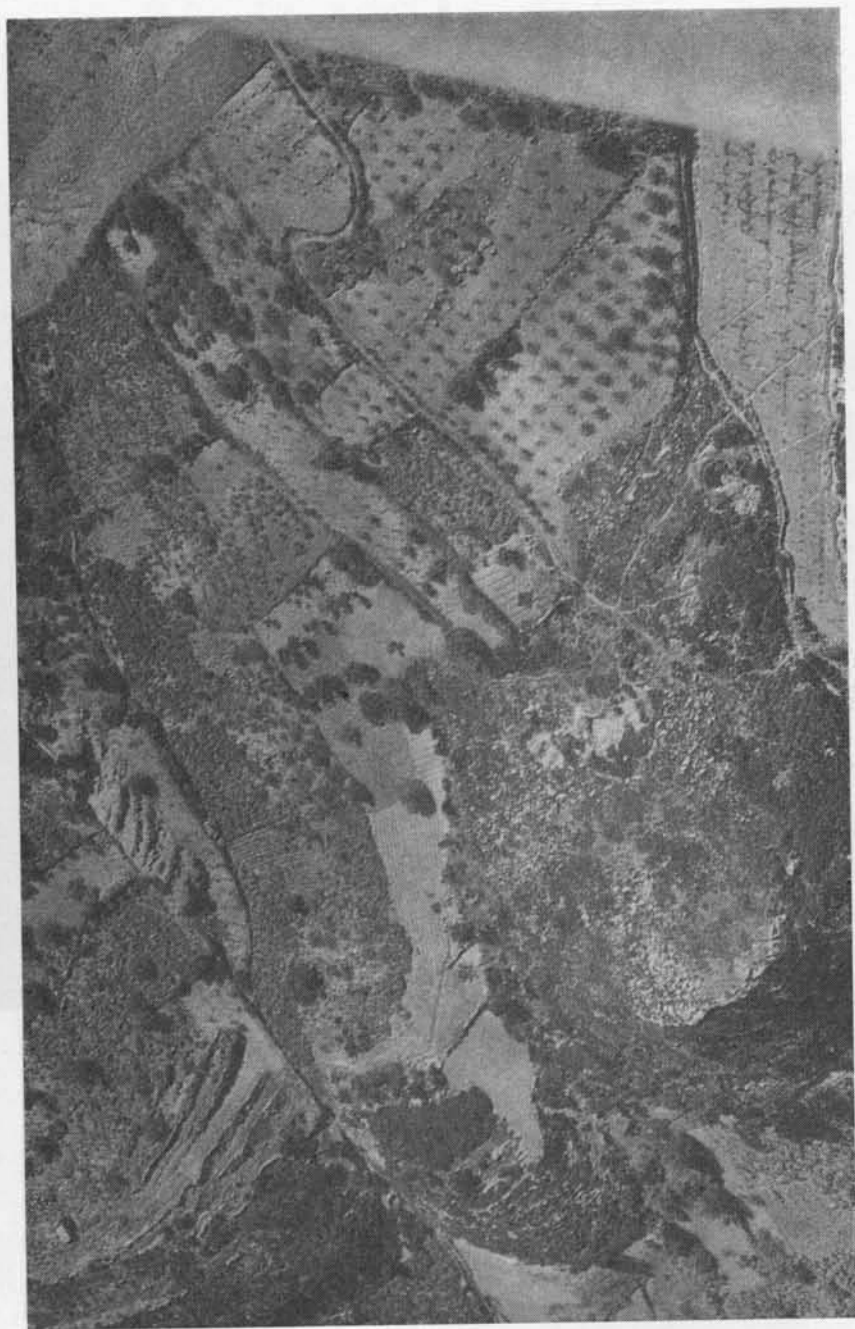


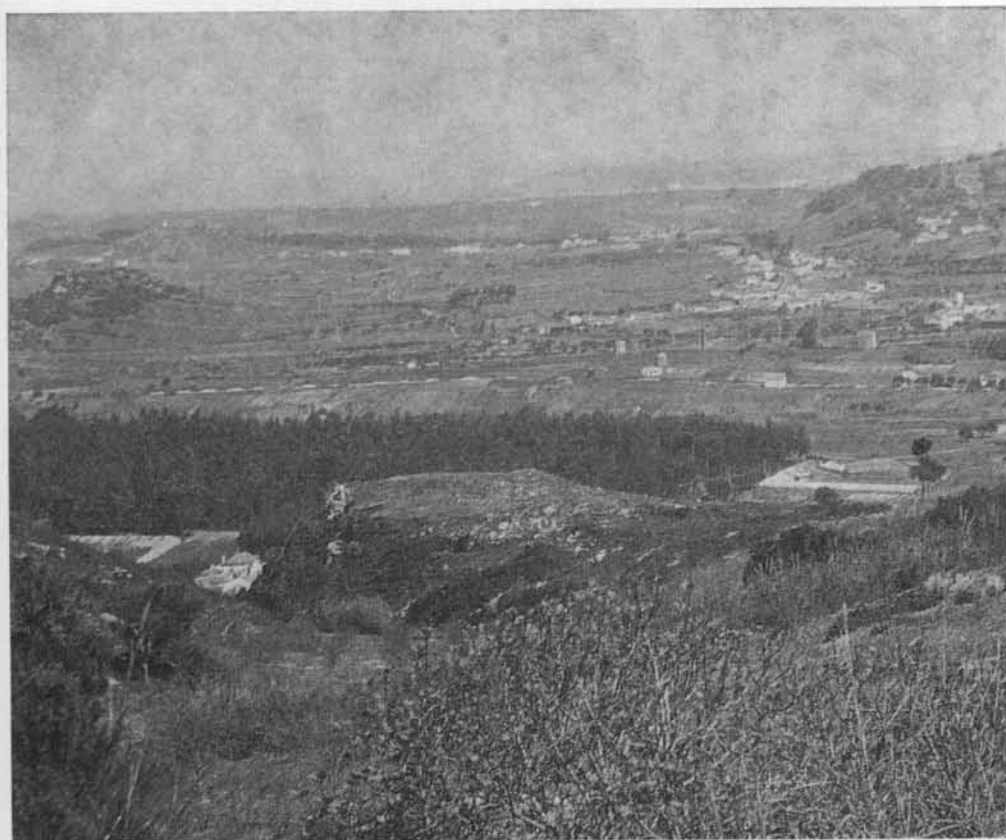
Fig. 10 — Fortificações: Pedra do Ouro, segundo V. Leisner e H. Schubart; Zambujal estado de 1968, segundo E. Sangmeister e H. Schubart.



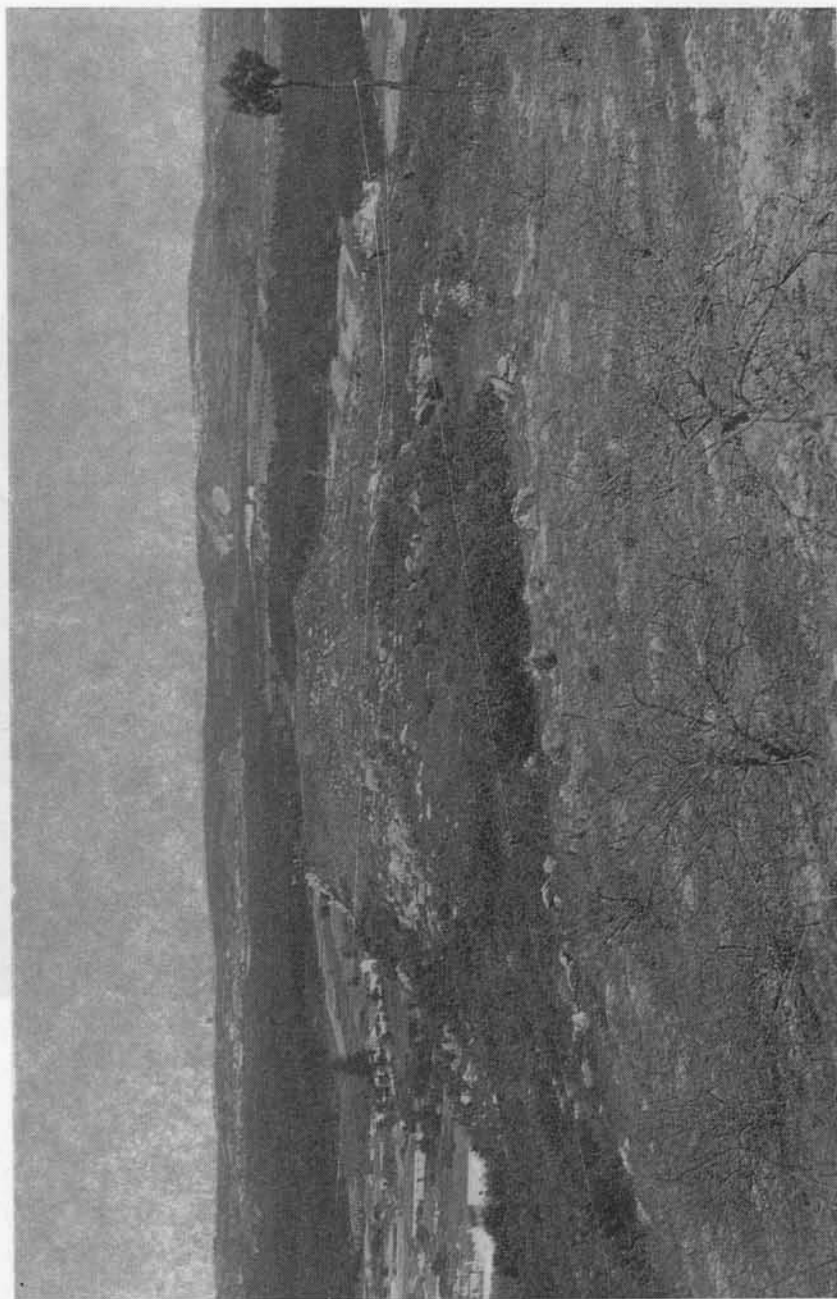
Columbeira — fotografia aérea do Castro (Foto Leonel Trindade)



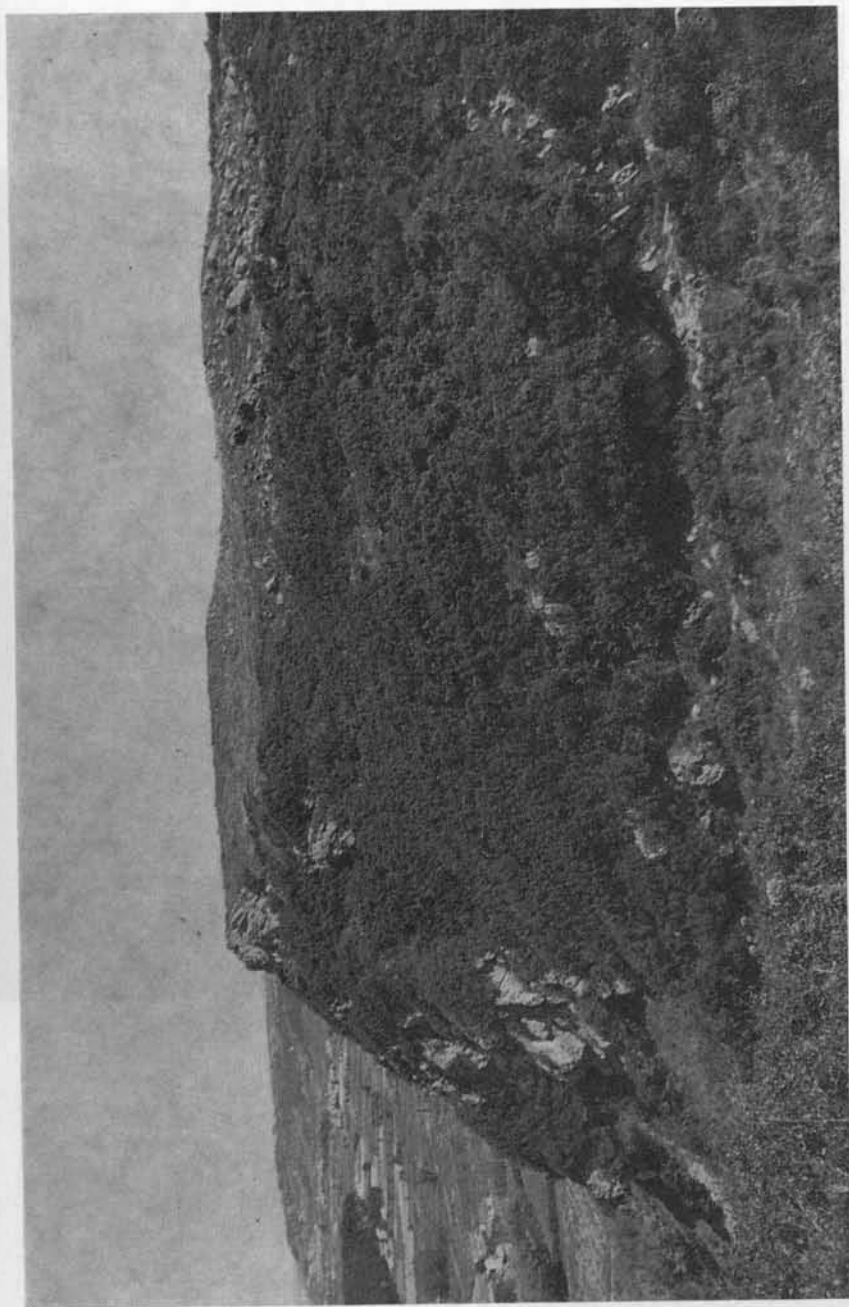
Columbeira — fotografia aérea do Castro (Foto Hermanfrid Schubart)



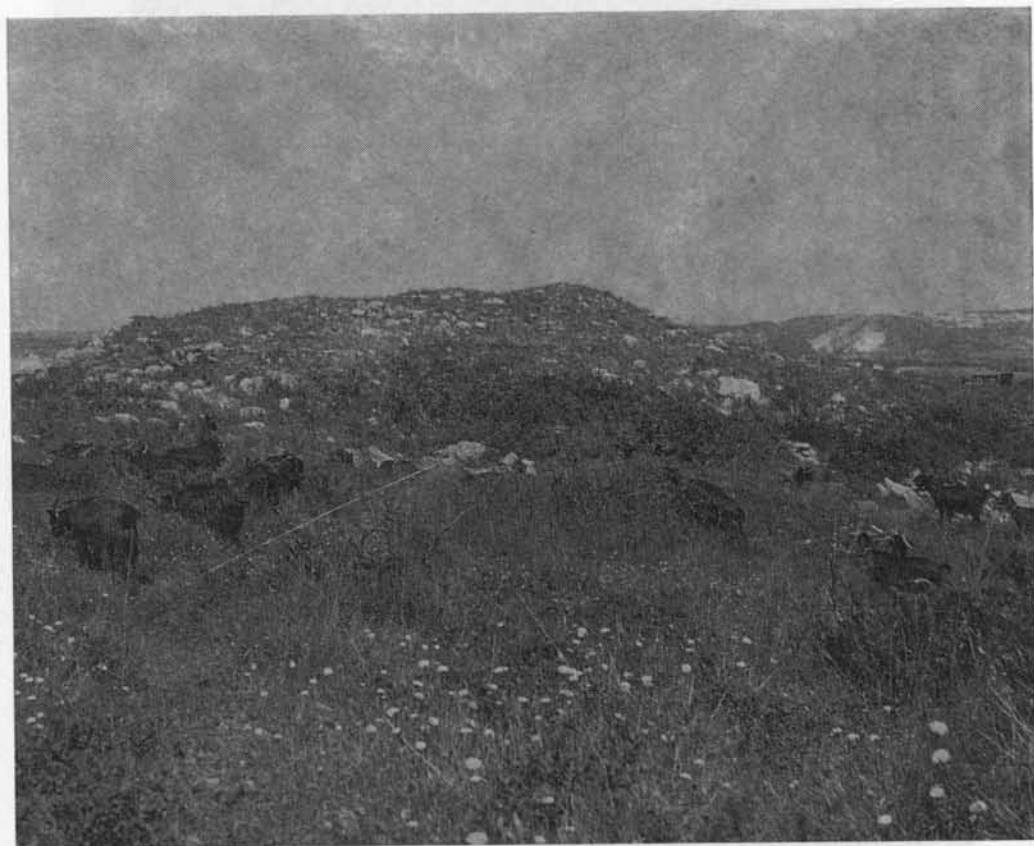
Columbeira — fortificação vista do sul



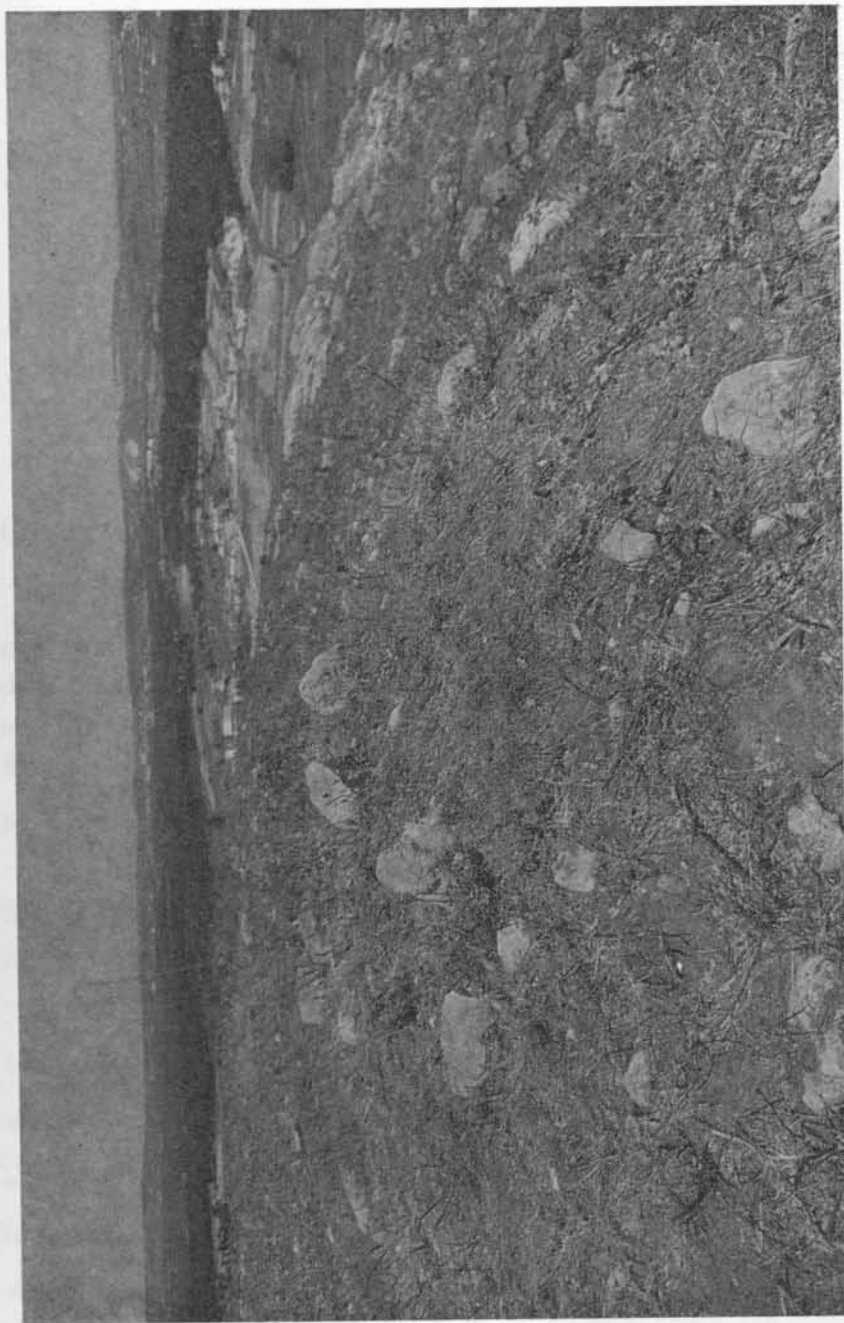
Columbeira — fortificação vista do sul



Columbeira — fortificação dupla, vista do ocidente



Columbeira — fortificação vista do sul



Columbeira — fortificação do interior